Citricultura atual

GCONCI

Revista do Grupo de Consultores em Citros

ANO XIII - Nº 77 - AGOSTO DE 2010 - PREÇO R$ 5,00

ENTRADA PROIBIDA

Atualização no controle da Pinta Preta dos Citros

Editorial

Prezado Citricultor

Saindo um pouco do ambiente das notícias e nos colocando acima dos acontecimentos como o HLB, custos de produção, fusão de indústrias etc. e nos voltando para a nossa relação com a fazenda, nossos conceitos, a vida, enfim, verificamos um universo diferente que comanda as nossas atitudes. Perante vários desafios que nos cercam, verificamos que além do lucro, embora o prejuízo seja determinante das ações ou fatos, há outras coisas que comandam nossas atitudes. Há algo no cheiro do preparo da terra, na realização de colher seus frutos, na vontade de ver os arames cada vez mais distantes, ou do simples trabalhador, que mais que o reconhecimento financeiro, está o prazer da tarefa bem executada e o sorriso da família. Há algo não material que comanda a vida dos homens, por mais materialista, que alguns possam se considerar. Neste contexto, é possível observar em várias citriculturas do mundo, monumentos em homenagem à citricultura, verdadeiras obras artísticas. Elas traduzem a paixão do citricultor pela terra e o agradecimento à divindade de uma espécie com frutos da cor do sol, dos aromas deles extraídos para confecção dos perfumes refrescantes, do sabor doce ácido e o valor nutricional nota 100. Embora sejam comuns em outros países, não vemos esses monumentos famosos aqui. Mas não sei porquê não existem obras de arte significativas em homenagem à citricultura brasileira, ao citricultor ou ao colhedor de laranja, já que elas traduzem a realidade do que somos e poderiam trazer, a longo prazo, a vontade de lutar e crescer mais e mais e até, trazer novas formas às leis, acordos e sentido à união de todos para vencer seus próprios desafios. Boa Leitura!

Foto: Camilo L. Medina

Pintura monumental em homenagem à citricultura, Exeter, Califórnia (EUA)

Eng. Agr. Camilo Lázaro Medina
Presidente do GCONCI

Índice

Fortes representantes é a base do Consecitrus 4
Dificuldades no controle da Queda Prematura dos Citros ..... 6 e 7
Atualização no controle da Pinta Preta dos Citros ..... 8 a 10
Avaliação da população de psilídeo ..... 12 a 14
O que muda no novo Código Florestal 16
Infectividade em pomares cítricos 18
Eventos GCONCI ..... 20 a 22
O paradigma de se controlar o sistema produtivo 24

Expediente

GCONCI - Diretoria Executiva:
Camilo Lázaro Medina (Presidente), Sidney Marcos Rosa (Secretário), Eduardo Antonio Lucato (Tesoureiro), Francisco Pierri Neto (Relações Públicas)

Conselho Editorial:
Mauro Fagotti (Coordenador), Cliciane R. Dalfré, Giovane Barrotti, Hamilton Ferreira de Carvalho Rocha, José Eduardo M. Teófilo e Keli Cristina Minatel

Membros:
Amauri Tadeu Peratelli, Antônio Celso Sanches, Camilo Lázaro Medina, Eduardo Antonio Lucato, Ernesto Luiz P. de Almeida, Francisco Pierri Neto, Gilberto Tozatti, Giovane Barroti, Hamilton F. de Carvalho Rocha, José Eduardo M. Teófilo, Maurício Lemos M. da Silva, Mauro Fagotti, Oscar Augusto Simonetti, Paulo Eduardo B. Paiva, Reinaldo Donizeti Corte, Sidney Marcos Rosa, Wilson Roberto Chignolli

Endereço:
Rua Carlos Gomes, nº 144 - Centro - CEP 13490-000
Caixa Postal 39 - Cordeirópolis - SP - Brasil
Fone/Fax 19 3546-1715
www.gconci.com.br - falecom@gconci.com.br

Jornalista Responsável:
Carlos Marques MTb 56.683

Edição, produção e projeto gráfico:
enfase - assessoria & comunicação
Fone/Fax 19 2111-5057
www.enfasenet.com.br - enfase@enfasenet.com.br

Impressão: www.graficamundo.com.br

Tiragem: 6.000 exemplares - **Periodicidade:** bimestral

A revista **Citricultura Atual** pertence ao **GCONCI** - Grupo de Consultores em Citros. Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores. A reprodução de matérias publicadas pela *Citricultura Atual* é permitida desde que citada a fonte.

Capa: José Eduardo M. Teófilo

Biolchim

Concimi Speciali

Fertilizantes de Alta Tecnologia e Eficácia à disposição do Citricultor

O Valor da Experiência, A Força da Inovação

BIOLCHIM DO BRASIL IMP. E COM. LTDA.
Av. Iraí, 79 - cjs.51/55 - Torre A - Moema - São Paulo - SP - Brasil - CEP 04082-000
Tel/Fax: 55-11-2589-9335
e-mail: biolchim@biolchim.com.br - site: www.biolchim.com

Fortes representantes é a base do Consecitrus

Desafio do setor para adoção do novo modelo de negociação é o equilíbrio de forças

Neste ano, o setor tem se concentrado na discussão de como poderá ser a nova fórmula de remuneração, com base no sistema de negociação do Consecitrus. No entanto, o sucesso de um conselho pode estar condicionado à atuação de representantes capazes de tornar equilibradas as regras do novo modelo. Isso porque o ambiente de negócios só deve melhorar se, junto com o Consecitrus, o setor conseguir superar a crise de confiança dos produtores em relação à indústria e entre eles mesmos para uma negociação coletiva.

Citricultores argumentam que falta profissionalismo e organização entre eles para negociarem coletivamente com as processadoras. Consideram também que esses compradores têm mais acesso à informação e se manterão sempre em vantagem. Hoje, os atuais representantes dos produtores têm a chance de provar que estão preparados para vencer o desafio de agir coletivamente. Pelo lado da indústria, a situação parece mais articulada, já que são somente três empresas, e todas associadas à CitrusBR. Além disso, a própria instituição tem avançado, e muito, na formalização de uma proposta para o Consecitrus.

A remuneração na citricultura paulista é tradicionalmente um ponto de conflito. As mudanças propostas com a criação do Consecitrus, à primeira vista, são positivas para o ambiente de negócios do setor, podendo minimizar os conflitos na negociação ou renegociação dos contratos entre o fornecedor e a indústria. Por enquanto, os atores principais dessa negociação (Secretaria Estadual da Agricultura, Faesp, Associtrus, Sociedade Rural Brasileira e CitrusBR) ainda não apresentaram claramente a agenda de trabalho e as propostas para a formalização do conselho. Apesar disso, em

linhas gerais, a proposta deve se basear no modelo de remuneração da cana-de-açúcar, o Consecana.

Isso significa que o sistema de remuneração da citricultura mudaria de negociações tipicamente individuais entre fornecedor (citricultor) e indústria para o formato coletivo, através de representantes. Além disso, a remuneração da laranja passaria de caixas para sólidos solúveis, isto é, a unidade de comercialização do produtor passaria a ser a tonelada de suco e não mais a caixa de 40,8 kg de laranja. Outro ponto importante é que os preços ao produtor poderiam ser vinculados à receita das processadoras obtida com a venda do suco de laranja (a exemplo do Consecana).

De tempos em tempos, por alterações significativas nos preços internacionais, o sistema de remuneração da citricultura é ajustado. Levando-se em conta que a relação normalmente é regida por contratos, a formalização de um novo acordo tende a gerar conflitos, inseguranças e desgastes a todos os agentes do setor. O ideal é que fosse estabelecido um sistema de remuneração ao produtor que incorporasse as mudanças no cenário externo e interno de forma harmoniosa e equilibrada entre as partes, sem necessidade de rupturas contratuais.

Pesquisa realizada pelo Cepea em 2006 identificou que a maioria dos produtores acreditava que era importante alterar o sistema de negociação então vigente, sendo que o modelo Consecana era bem visto como referência de negociação da laranja. Na opinião daqueles entrevistados, tal sistema de negociação melhoraria a transparência do processo de precificação e das cláusulas contratuais. Isso, por consequência, tenderia a favorecer, em especial, produtores de pequeno e médio portes.

Levantamentos atuais apontam que o citricultor sente forte desequilíbrio de forças na relação comercial com a indústria. Conforme produtores ouvidos pelo Cepea, o poder de barganha dos compradores industriais é muito grande, restando aos fornecedores pouco espaço para impor algo na negociação. Há muita insegurança no fechamento dos contratos porque, em anos passados, houve pressão da indústria no sentido de renegociar diminuição de preços em períodos de baixa do suco no mercado internacional.

Neste semestre, está agendada nova série de reuniões entre os representantes para tratar do Consecitrus. É importante que todos os citricultores participem dessa discussão, dialogando com suas representações a respeito do modelo mais "justo" de remuneração da citricultura.

Eng. Agr. Margarete Boteon
Pesquisadora Cepea/Esalq - USP

Mayra Monteiro Viana
Analista de Mercado
Cepea/Esalq - USP

Comet®
Fungicida
com benefícios AgCelence

Disfarçando você perde tempo e lucro.

Para controlar a pinta-preta e evitar a queda dos frutos, aliando produtividade com rentabilidade, use Comet.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO.

ANDEF

Comet foi criado pela BASF para as necessidades da citricultura. Ele controla um dos principais problemas da laranja: a pinta-preta, evitando a queda precoce e melhorando a classificação da sua produção. Comet também conta com os benefícios AgCelence, marca mundial da BASF para tecnologias e sistemas que proporcionam plantas mais saudáveis, mais produtivas e com qualidade superior. Você aumenta o volume e a qualidade da sua produção e maximiza o retorno sobre o seu investimento.

BASF
The Chemical Company

Produto não liberado para cultura de citrus no Paraná.

Dificuldades no controle da

Aplicações de fungicidas para
devem ser realizadas sem flexibilidade,

A citricultura brasileira, em especial a paulista, está passando por bons momentos em relação ao preço pago ao produtor pela caixa de laranja. No entanto, em relação ao manejo e controle das doenças que atacam os pomares, têm sido motivo de constantes preocupações dos citricultores, uma vez que, mesmo para aquelas doenças em que "existe" o controle, parece estar cada vez mais difícil, como é o da Queda Prematura dos Frutos cítricos (QPF) ou "Estrelinha".

Não obstante da dificuldade de controle ou mesmo da convivência com algumas doenças, a Queda Prematura dos Frutos tem-se tornado em algumas regiões do Estado de São Paulo a principal doença fúngica da citricultura. Evidentemente, outras doenças de importância relevante, como a Pinta Preta dos Citros, têm sua obrigatoriedade de controle, no entanto, nesse caso há certa "flexibilidade e tempo" para se fazer aplicações com fungicidas e obter bom controle da doença, caso que não ocorre com a QPF, onde as aplicações com fungicidas devem ser realizadas no momento e tempo certos, sem "flexibilidade".

A dificuldade de controle da QPF torna-se mais proeminente em regiões de temperaturas mais amenas no inverno, onde há possibilidade de ocorrência de molhamento foliar mais intenso e duradouro, o que constitui fator altamente favorável para o desenvolvimento do fungo.

Embora a doença tenha um caráter cíclico, a Queda Prematura dos Frutos tem se tornado cada vez mais relevante, como ocorreu nas floradas de 2006/2007 e 2009/2010, onde foi verificada em praticamente todos os municípios do Estado de São Paulo, sendo que a maior incidência deu-se nas regiões sul e sudeste, fato este, agravado pela existência de alto inóculo residual e pelas condições ambientais favoráveis à infecção.

Fotos: Renato F. Reis

A Queda Prematura dos Frutos é causada pelo fungo *Colletotrichum acutatum*, presente em folhas, ramos e, principalmente, nos cálices retidos ou "Estrelinhas". O fungo sobrevive nestes órgãos na forma quiescente, sem causar dano. No entanto, quando há condições ambientais favoráveis ocorre a germinação e produção de conídios que infectam os botões florais, mesmo antes da abertura das flores.

As infecções podem ocorrer a partir dos estádios fenológicos, denominados de "cabeça-de-alfinete" ou "cabeça-de-fósforo", porém, os sintomas parecem exclusivamente nos tecidos branco das pétalas já na fase de "cotonete", sendo mais expressiva na fase de flor aberta.

Os sintomas são lesões necróticas que passam a coloração róseo-alaranjada. O fungo forma acérvulos de coloração salmão-rosa sobre as lesões de flores infectadas, cujos sintomas aparecem dentro de quatro a cinco dias após a infecção. Frutos recém-formados, cujas flores foram infectadas, apresentam coloração amarelo-pálido e caem

Fotos: Renato F. Reis

Figura 1. Infecção de flores, frutinhos de cor amarelo-pálido e cálices retidos devido ao ataque de *Colletotricum acutatum*

Queda Prematura dos Citros

se obter bom controle da QPF
ou seja, nos momentos e tempos certos

Figura 2. Folhas com nervuras salientes com coloração amarelo-pálido e de aspectos lanceoladas com cálices retidos, devido à infecção de *Colletotrichum acutatum*

prematuramente, enquanto que os cálices ficam retidos na planta, chamados "Estrelinhas" e podem permanecer aderidos nas plantas por até 18 meses (*Figura 1*). Além desses sintomas, folhas próximas às "Estrelinhas" tornam-se mais rígidas e de aspecto lanceolado, com nervuras salientes e de coloração amarelo-pálido (*Figura 2*). A maioria das variedades de laranjas doce, bem como os limões e a lima ácida Tahiti, são suscetíveis ao *C. acutatum* e, sobre condições favoráveis ao patógeno, os prejuízos podem alcançar até 80% da produção.

A disseminação dos conídios dá-se através de respingos de água da chuva e esses conídios podem sobreviver por até 30 dias na superfície de folhas, ramos e em outros órgãos. Estudos realizados na Flórida (EUA) mostraram que cinco dias após à infecção de *C. acutatum* ocorre um aumento na síntese do Ácido Indol Acético (IAA) e do etileno (*Figura 3*), que resulta em um desequilíbrio hormonal, levando a queda dos frutos e a retenção dos cálices.

O controle da doença baseia-se exclusivamente em medidas preventivas, mediante pulverizações com fungicidas a partir das fases "cabeça de alfinete", estendendo-se até a fase de "cotonete" ou flor aberta, dependendo das condições ambientais. Estudos realizados na Flórida têm sugerido o uso de fitohormônio na inibição da síntese do IAA e do etileno, como auxílio na retenção dos frutos.

O número de aplicações pode variar em função das condições climáticas, uniformidade e duração do florescimento. Estudos mostraram que aplicações de fungicidas devem ser realizadas quando as primeiras flores estiverem no estágio de florescimento de "cabeça-de-alfinete" ou para "cabeça-de-fósforo", até mesmo em flores abertas.

Na prática, tem-se observado que em pomares cujas flores abertas continuaram a receber aplicações com fungicidas, houve um melhor controle da doença e, consequentemente, um incremento no número de frutos. Isso se deve porque a parte interna da flor, quando fechada, não estava exposta a ação do fungicida.

Fungicidas que têm proporcionado bom controle da QPF baseiam-se nos grupos dos benzimidazóis (carbendazim e tiofanato metílico), ftalimidas (folpet), triazóis (difenoconazole, tebuconazole), estrobilurinas (pyraclostrobin) e na mistura de triazol e estrobilurina.

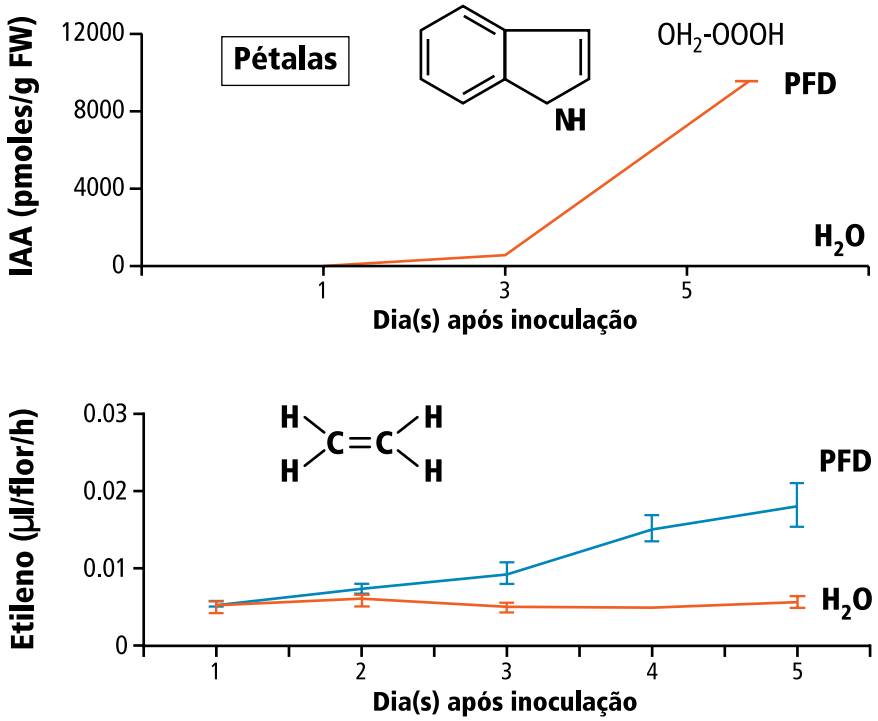


Figura 3. Produção de Ácido Indol Acético (IAA) e etileno em pétalas cítricas após 5 dias da inoculação com *Colletotrichum acutatum*

Eng. Agr. Renato F. Reis
Allplant

Atualização no controle

Estudos desenvolvidos no
mostram que, quando o manejo do mato é realizad

O controle da Pinta Preta dos Citros está muito relacionado ao destino da produção da fruta. Citricultores que produzem para a exportação de frutas frescas (0,6% da produção nacional) precisam fazer um intenso manejo do pomar visando o controle da doença, uma vez que frutos com sintomas da Pinta Preta não podem ser comercializados. Citricultores que produzem para o mercado interno de fruta fresca (33,5% da produção nacional) também precisam ter um controle intenso da doença, pois os sintomas de Pinta Preta depreciam a fruta, que chega a receber valores inferiores aos pagos por frutas livres da doença. Já a grande maioria da produção nacional (65,9%) atende à indústria de sucos e os citricultores que produzem para esse mercado têm uma visão bem diferente dos produtores de frutas frescas. Enquanto esses se preocupam com a qualidade visual da fruta, os produtores para a indústria estão preocupados com a produção e a qualidade interna dos frutos. É aí que mora o perigo. Devido aos altos custos de produção e a baixa remuneração histórica da fruta, os citricultores negligenciam os tratamentos efetivos no controle da Pinta Preta, até o momento que essa se torna epidêmica e comece a causar queda acentuada de frutos. Quando o citricultor deixa chegar nesse estágio, o controle da doença começa a ficar mais complicado.

A Pinta Preta se expressa em frutos pelos diferentes tipos de sintomas: Mancha Dura, Falsa Melanose, Mancha Sardenta, Mancha Trincada, Mancha Rendilhada e Mancha Virulenta, entretanto, o fungo que causa a doença sobrevive não só no fruto, mas também em folhas e ramos secos. Nesses tecidos o fungo se multiplica e produz esporos que causam novas infecções. Os esporos formados em frutos e ramos secos, os conídios, são dispersos por água a curtas distâncias, causando, normalmente, infecções nos tecidos da própria planta ou nas plantas vizinhas. No caso dos frutos, apenas os sintomas de Mancha Dura e Mancha Sardenta, são fontes de inóculo da doença e exclusivamente nos frutos fixados à planta. Isto porque apenas esses dois sintomas produzem esporos. Ou seja, frutos com os outros tipos de sintomas fixados ou não à planta, ou frutos com sintomas de Mancha Dura e Mancha Sardenta no solo, não são fontes de inóculo e não causam doença.

As folhas dos citros infectadas, normalmente assintomáticas, caídas ao chão, ao entrarem em decomposição formam esporos do fungo, os ascósporos, que têm a capacidade de se dispersarem pelo vento, podendo causar doença em plantas que se encontram mais longe da fonte de inóculo. Portanto, os esporos formados nas folhas em decomposição são os responsáveis por causar doença em diferentes plantas, aumentando assim o número de plantas sintomáticas, enquanto que, os esporos formados em frutos e ramos secos são os responsáveis por aumentar a doença dentro da planta.

Outro ponto importante a ser abordado quando se pensa no controle da Pinta Preta é referente ao período de suscetibilidade dos tecidos. Os frutos, por exemplo, estão sempre suscetíveis, desde a queda das pétalas até o período de colheita. Entretanto, após a infecção, demora no mínimo 40 dias para os sintomas serem expressos. Esse período chamado de período de incubação, para a Pinta Preta mostra-se variável, ou seja, quando os frutos são pequenos o período de incubação pode demorar até seis meses, mas em frutos acima de 4,5 cm de diâmetro gira em torno de 40 dias. Isto significa que os sintomas que vemos no campo são de infecções que ocorreram, no mínimo,

Foto: GCONCI

40 dias atrás. Já as folhas são suscetíveis até 10 meses do início da sua formação, tornando-se resistentes após esse período. O problema é que por serem os citros plantas sempre verdes em todos os períodos existem folhas suscetíveis à infecção. Nos dois casos, tanto de frutos quanto de folhas, sempre pode estar ocorrendo infecção, desde que na área tenha histórico da doença e que as condições climáticas sejam favoráveis: presença de água livre, no mínimo 12 horas, sobre os tecidos de frutos, folhas e ramos, para que possa ocorrer infecção. Ou seja, nos períodos do ano que temos chuvas, orvalhos etc., é quando podem ocorrer problemas com a Pinta Preta.

Quando falamos de controle da Pinta Preta a primeira coisa que vem na mente do citricultor é qual fungicida é o mais eficaz (falaremos disso também), mas antes de abordar esse tema vamos tratar o controle de maneira mais abrangente.

O fungo da Pinta Preta, ao contrá-

da Pinta Preta dos Citros

Brasil e na África do Sul
o de maneira correta, há uma redução da doença

rio de um psilídeo (vetor do HLB que pode ser monitorado com armadilhas), não tem como ser monitorado de maneira simples. Portanto, a informação que devemos buscar é se existe histórico da doença na propriedade. Uma vez introduzida a doença em uma propriedade não há como erradicá-la. Caso a doença esteja restrita a alguns talhões esses devem ser tratados (todas as plantas do talhão), independentemente da quantidade de plantas e frutos que expressam sintomas na área. Essa medida deve ser tomada, pois o que vemos são sintomas em frutos, não em folhas e nem em ramos, e não pulverizar o talhão para a doença fará com que a Pinta Preta alcance níveis epidêmicos em curto prazo. Estudos realizados no Fundecitrus mostram que em um talhão que apresentava 10% das plantas com poucos frutos sintomáticos, no segundo ano de avaliação passou para 22% das plantas e no terceiro ano para 86% das plantas apresentando frutos sintomáticos. Portanto, assim que observada a doença em um talhão esse deve ser tratado a partir do ano seguinte.

No controle da Pinta Preta, o manejo do mato é importante. Estudos desenvolvidos no Brasil e na África do Sul mostram uma redução da doença quando o manejo é feito de maneira correta. O mato roçado e jogado lateralmente pela roçadeira ecológica se acumula sobre as folhas dos citros caídas e funciona como uma barreira física não deixando com que os esporos da Pinta Preta sejam lançados e dispersos pelo vento. Entretanto, um ponto deve ser observado. A grande maioria das propriedades de São Paulo não tem irrigação, isso faz com que no inverno (período mais seco do ano) ocorra uma queda acentuada de folhas dos citros que serão fontes de inóculo para Pinta Preta na primavera, quando iniciam as chuvas. O problema é que nesse período não há mato natural nas entrelinhas dos citros, e então como roçar o mato para cobrir as folhas cítricas em decomposição no momento mais crítico? O trabalho de dissertação desenvolvido pelo Eng. Agr. Marcos Paulo Rôsseto, sob orientação do pesquisador Dr. Fernando Alves de Azevedo, do Centro APTA Citros (IAC-SAA), mostrou que o uso de adubação verde, como o nabo forrageiro (15 Kg/ha) ou aveia preta (70 Kg/ha), semeadas em abril, proporcionou uma quantidade de massa verde e seca suficiente, quando roçadas com roçadeira ecológica em julho, e reduziu significativamente, em áreas com tratamento químico, o número de frutos sintomáticos, assim como a quantidade de sintomas observados nos frutos. As roçadas foram feitas sempre quando as plantas iniciaram seu florescimento, no caso três roçadas por ano.

Caso seja usada irrigação, o sistema de irrigação também pode influenciar na quantidade de inóculo formado. Em experimento desenvolvido na Argentina, a irrigação por gotejo reduziu a quantidade de ascósporos formados nas folhas em decomposição, enquanto que a microaspersão aumentou a quantidade de esporos na área. Isso porque para a formação dos ascósporos nas folhas em decomposição há a necessidade de alternância de períodos de molhamento e períodos secos, e a microaspersão dá essa condição.

Entre as fontes de inóculo da Pinta Preta existentes em um pomar (folhas em decomposição, frutos com sintomas de Mancha Dura ou Mancha Sardenta e ramos secos), o único que permanece entre as safras são os ramos secos. As folhas se decompõem, os frutos são colhidos, mas os ramos permanecem na planta e por esse motivo a poda no período do inverno, no estado de São Paulo, é uma prática que deve ser adotada. Com a poda de ramos secos o produtor reduz a fonte de inóculo da Pinta Preta e Melanose, reduz a Rubelose, além de facilitar a aeração da planta e auxiliar na penetração dos fungicidas, inseticidas e acaricidas em aplicações com tubo-pulverizador.

A colheita antecipada também reduz o inóculo na área e a queda acentuada dos frutos. O sintoma de Mancha Dura começa aparecer no inverno, quando o fruto inicia a mudança de cor e a Mancha Sardenta aparece mais próximo à colheita. Como nosso inverno é seco, esses frutos sintomáticos começam a servir de fontes de inóculo com o início das chuvas, podendo infectar, principalmente, os frutinhos pequenos oriundos da nova florada, além das folhas que estão se desenvolvendo. O que leva a queda dos frutos são as lesões que ocorrem próximas ao pedúnculo. Para que isso ocorra, a infecção deve ocorrer quando o fruto está próximo do seu tamanho final, que ocorre no in-

verno. Nesse período em diante lesões de Mancha Dura são formadas e estas quanto mais próximas do pedúnculo, mais facilmente o fruto se desprende. Ou seja, infecções tardias próximas ao pedúnculo são as responsáveis pela queda dos frutos.

Quanto ao controle químico esse é feito atualmente, em áreas com alta severidade da doença, e visa mais a redução de fontes de inóculo do que a obtenção de frutos assintomáticos ou a redução na queda dos frutos. Como já foi citado anteriormente os frutos estão suscetíveis desde a queda das pétalas até o período da colheita. Em períodos chuvosos como a primavera e verão há uma maior descarga de esporos o que acarreta uma maior infecção e, portanto maior quantidade de frutos sintomáticos. O controle químico nessa época, que é o que normalmente é feito, faz com que os frutos apresentem menos sintomas reduzindo assim a fonte de inóculo. Entretanto, para se obter frutos assintomáticos, em áreas onde a doença está presente em níveis altos, devemos aumentar o número de aplicações e diminuir o intervalo entre elas. Isso faz com que o custo de produção aumente sobremaneira, e nesse caso o preço pago pela fruta deve compensar o custo adicional das aplicações. Caso o citricultor atenda o mercado de fruta fresca interno ou externo, se o custo dessas aplicações não compensar o preço pago, esse deve procurar áreas sem ou com baixa incidência da doença para ter um melhor controle, ou então direcionar a produção para a indústria, a qual aceita sem restrições frutos com sintomas.

Foto: Marcel B. Spósito

Infecções que ocorrem quando os frutos ainda são pequenos faz com que os sintomas se expressem longe do pedúnculo, não causando a queda dos frutos

Os produtos que têm registro para a doença atualmente estão restritos aos cúpricos (oxicloreto de cobre, hidróxido de cobre, óxido cuproso e sulfato de cobre), os benzimidazóis (carbendazim, tiofanato metílico) e estrobilurinas (azoxystrobin, trifloxystrobin e pyraclostrobin). Em áreas onde a doença está presente em níveis altos o número de aplicações gira em torno de quatro, sendo as duas primeiras feitas com cobre em mistura com óleo emulsionável e duas com benzimidazóis ou estrobilurinas em mistura também com óleo. As aplicações com cobre garantem uma proteção de 28 dias e os benzimidazóis e estrobilurinas de 42 dias. É bom ressaltar que os benzimidazóis e as estrobilurinas, no controle da Pinta Preta em frutos, atuam como produtos protetores, ou seja, não têm efeito curativo e tampouco sistemicidade. Tomando como exemplo essa aplicação com quatro pulverizações, teríamos um período de controle de 140 dias. Se o final da florada ocorresse no início de setembro, por exemplo, a cobertura iria até meados de janeiro. Em uma área onde a doença encontra-se em níveis epidêmicos, esse controle deveria se estender (se for para indústria) no mínimo até o início de abril o que deveria elevar para mais duas aplicações. Lembre-se: isso depende da variedade que estamos tratando. Variedades tardias precisam dessas aplicações a mais, já variedades precoces como a Hamlin não seria necessário incrementar o número de aplicações.

Um alerta para o citricultor é quanto ao número de aplicações com benzimidazóis e estrobilurinas, pois o uso contínuo desses produtos pode gerar populações do fungo agente causal da Pinta Preta resistentes à essas moléculas, e dificilmente eles poderão ser utilizados novamente com a mesma eficácia nessas áreas. Há um caso relatado na África do Sul onde o uso continuado de benzimidazóis levou à resistência da população do fungo a esses produtos. Nessa área o citricultor ficou 10 anos sem pulverizar com benzimidazóis e pesquisadores observaram que depois desse período, 86% da população do fungo ainda estava resistente. Em São Paulo já há relato de resistência no município de Mogi Guaçu. Quando se fala em uso continuado do produto tem que se levar em conta não só as aplicações para Pinta Preta, mas também para outras doenças fúngicas, como por exemplo, a Podridão Floral. O número total de aplicações por safra não deve ultrapassar duas por grupo químico, ou seja, no máximo duas de benzimidazóis e duas de estrobilurinas, independentemente da doença a ser tratada. Já o cobre, pode ser utilizado continuadamente sem problemas de resistência, mas dependendo do tipo de cobre utilizado e a época da aplicação, ele pode causar fitotoxicidade deixando o fruto feio, mas sem afetar a qualidade interna e a comercialização para a indústria.

Foto: Marcel B. Spósito

Sintomas de Mancha Dura próximo ao pedúnculo

Portanto, existem poucos grupos químicos eficazes no controle da Pinta Preta e temos que trabalhar de maneira correta, não só pulverizando com fungicidas, mas também manejando o pomar de modo que possamos conviver com a Pinta Preta sem que ela cause mais prejuízo ao citricultor.

Eng. Agr. Marcel Bellato Spósito
Pesquisador Científico do Fundecitrus

ALLPLANT
agricultura do futuro
LANÇAMENTO
ALLPLANT
ALLPLANT
ALLPLANT
enco
100
Fertilizante Foliar
Conteúdo Líquido
1 litro
5 litros
ALLPLANT
COMBO
Fertilizante Foliar
1 litro
A sinergia que gera resultados
O Multiação da pulverização
Tel. 17 3323 8393 • e-mail: allplant@allplant.com.br • www.allplant.com.br

Avaliação da população de psilídeo *Diaphorina citri* em pomares cítricos, para auxílio na decisão de controle

O monitoramento e controle do psilídeo em áreas de borda com vizinhos de alta presença do vetor devem ser diferenciados de áreas mais centrais

Atualmente a citricultura paulista está sofrendo pressão dos danos causados pelo psilídeo (*Diaphorina citri*), inseto vetor do Greening (HLB – *Huanglongbing*). O HLB é considerado a pior doença dos citros e é causado por uma bactéria que é restrita ao floema.

Não são conhecidas estratégias de controle curativas portanto, além do controle do inseto vetor, a correta e contínua inspeção e imediata erradicação das plantas com HLB, conforme descrito na instrução normativa número 53 do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento é fundamental para a manutenção da citricultura paulista.

Sabe-se que a entrada do inseto vetor no pomar dá-se pelas margens do talhão em direção ao interior, essas são chamadas de infecções primárias, tendo em vista esta característica a melhor opção para o monitoramento do inseto seria a distribuição de armadilhas nas bordas dos talhões e mesmo nos carreadores, principalmente quando este faz divisa com áreas de alta infestação do inseto, onde o fluxo migratório é mais intenso.

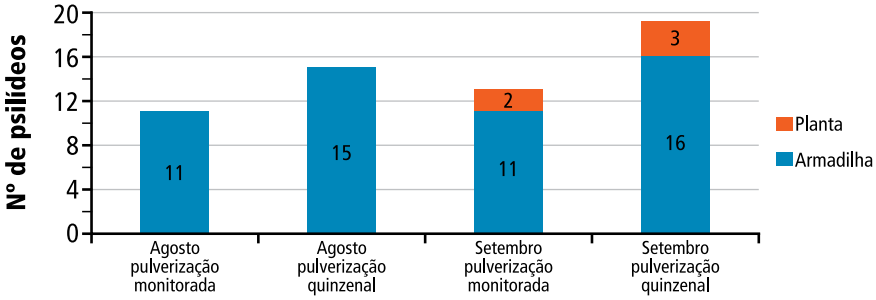


Figura 1. Total de psilídeos adultos encontrados em cada tratamento, na armadilha amarela ou planta

Para se conhecer a flutuação populacional foi desenvolvido um trabalho na fazenda Cambuhy Agrícola Ltda. a fim de verificar se é possível diminuir o número de pulverizações através de uma maior frequência no monitoramento populacional do psilídeo, e assim compará-lo com o tratamento de pulverizações quinzenais utilizado atualmente na fazenda.

Foram escolhidos seis talhões na área de borda com vizinhos de baixo manejo do HLB e controle do vetor, destes, três talhões foram pulverizados quinzenalmente mesmo que não encontrassem psilídeos na área e os demais foram pulverizados com a presença de pelo menos um inseto. Também foi escolhido um outro talhão localizado na área central da fazenda, e este era pulverizado somente com a presença do psilídeo nas inspeções.

A pesquisa foi realizada por sessenta dias, recebendo inspeções diárias em oito armadilhas em oito plantas distribuídas por talhão. Esse trabalho foi necessário para poder ter assim, uma melhor visão da dinâmica populacional do inseto.

Foto: Vanessa Saccini - Faz. Cambuhy

Foto 1. Psilídeos encontrado em inspeção sugando a planta

Através da *Figura 1* percebe-se a eficiência da armadilha amarela no monitoramento populacional do inseto vetor do HLB, tornando-se uma ferramenta importante para uma tomada de decisão no controle do inseto.

Durante o trabalho não foram encontrados nos levantamentos, ninfas nem ovos de psilídeos, o que é indício de que estes sejam migrantes dos vizinhos, afinal não estão se perpetuando na fazenda.

COM ACTARA, ISSO É O MAIS PERTO QUE O GREENING VAI CHEGAR DO SEU POMAR.

O greening é uma doença que veio de longe e, de longe, é uma das mais sérias para a citricultura. Ainda bem que a Syngenta tem o Actara, que combate o psilídeo que transmite o greening. Actara é aplicado no solo, perto da raiz. O seu efeito é mais rápido e protege por mais tempo que os produtos encontrados no mercado. Proteja o pomar com Actara.

Inspecione o pomar periodicamente | Combata o psilídeo | Utilize mudas saudáveis

Actara®

syngenta.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO.

ANDEF

c.a.s.a.
0800 704 4304

www.syngenta.com.br

© Syngenta, 2010.

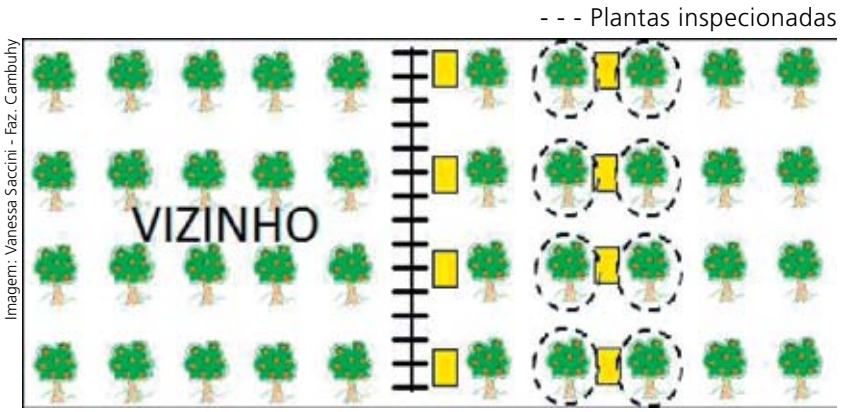


Foto 2. Distribuição das armadilhas amarelas e esquema de inspeção

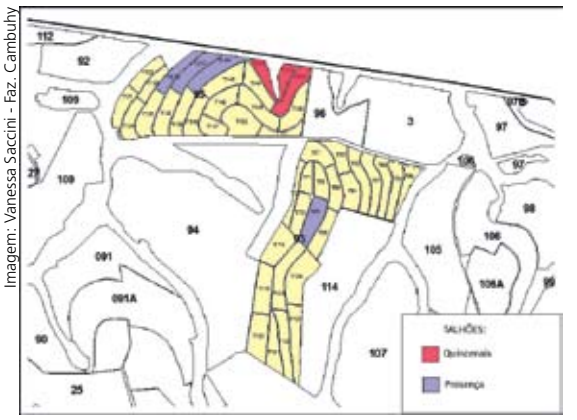


Foto 3. Localização do monitoramento

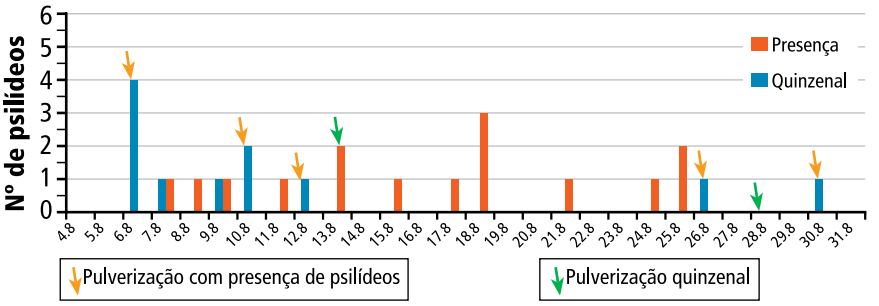


Figura 2. Flutuação da população de psilídeos no mês de agosto na quadra de borda

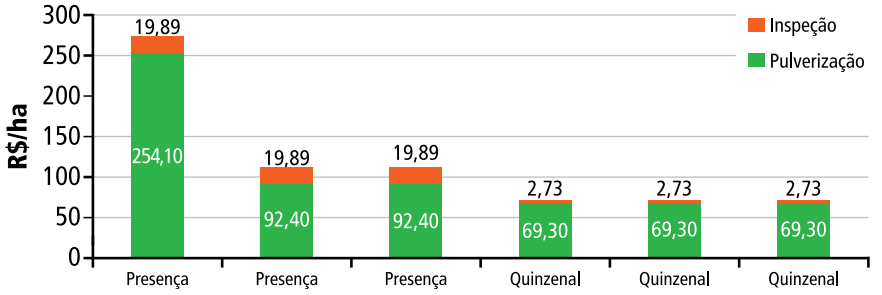


Figura 3. Custo de pulverização e inspeções para cada talhão

Devido à esta alta migração nos talhões de borda, o controle feito com a presença do inseto foi mais caro (*Figura 3*) pelo fato de ter ocorrido um maior número de pulverizações, pois a população do vetor mostrou-se alta, em alguns casos ocorrendo a presença do inseto mesmo em dias seguidos à pulverizações, e mesmo assim não foi suficiente para reduzir a população por um período longo de dias. Já as pulverizações realizadas quinzenalmente apresentaram um custo menor (*Figura 3*), mas também não reduziram a população do inseto (*Figura 2*).

No talhão localizado no interior da fazenda a população do inseto foi menor, tendo sido encontrado apenas 1 inseto em trinta dias na armadilha amarela e nenhum inseto adulto, ninfa ou ovo nas plantas. Contudo o custo com pulverização e inspeção foi menor que os talhões manejados da maneira atual.

Hoje a fazenda realiza suas pulverizações com uma velocidade de 9 km/h utilizando uma vazão de 300 l/ha, que tem um custo aproximado de R$ 23,10/ha para cada aplicação. Os custos aumentaram em cerca de sete vezes com uma frequência diária de inspeção. Para as pulverizações foram utilizados os ingredientes ativos Dimetoato, Imidacloprid e Lambda-cialotrina em sistema rotacionado para evitar resistência do inseto vetor.

Comparando-se talhões centrais e os localizados nas bordas há necessidade de tratamentos diferenciados para o monitoramento e controle populacional dos psilídeos, e é fundamental a união de esforços entre citricultores vizinhos para que as pulverizações para o controle do inseto vetor sejam efetuadas em conjunto, de forma regional e ao mesmo tempo, para evitar a migração de insetos de áreas sem pulverização para áreas vizinhas pulverizadas, dificultando o controle do HLB. Embora a população do inseto tenha sido menor nos talhões pulverizados com a presença, este manejo "mostrou-se insuficiente" para áreas de borda, principalmente quando se tem em vista propriedades de grande porte, com extensas áreas de borda, pois além de uma elevação nos custos, há também uma interferência na logística das máquinas e operadores.

O manejo com pulverizações quinzenais não foi eficaz na redução da população do inseto em áreas de borda, tornando essencial a aplicação de inseticidas sistêmicos para aumentar o controle dos insetos que estão migrando de áreas vizinhas infectadas pelo HLB.

Eng. Agr. Dr. Fernando E. A. Tersi
Téc. Agr. Márcio Alexandre Jorge
Eng. Agr. Vanessa Ap. V. Saccini
Eng. Agr. Wagner M. Suavinha
Fazenda Cambuhy Agrícola Ltda.

Um novo amanhecer para sua produtividade.

A Ítale fertilizantes organominerais desenvolveu duas soluções ideais para a Citricultura, tornando sonhos em realidade através de pesquisa e pioneirismo, fazendo assim o ciclo exato para sua plantação.

Ser uma empresa consciente é expressar seu maior potencial no presente e ao mesmo tempo preservar a biodiversidade e os ecossistemas naturais, planejando e agindo de forma a atingir pró-eficiencia na manutenção indefinida desses ideais, e é por isto que a Ítale sempre está PENSANDO NA FRENTE.

YOU&US

Rua Dr. Alfedro Zacharias, 1040 - Santa Escolástica - Valinhos - SP
Fone: 19 - 3829.8811 • Fax: 19 - 3829-8819
www.itale.com.br

GRUPO ÍTALE
fertilizantes organominerais

O que muda no novo Código Florestal

Mudanças no novo Código Florestal preveem 5 anos para os Estados criarem programas de regularização

Hoje, a lei protege no mínimo 30 metros de extensão a partir das margens dos rios, encostas íngremes (> 45°), topos de morro e restingas e, quem desmatou, fica obrigado a recompor as matas. Na nova proposta, a faixa mínima será de 15 metros. Topos de morro e áreas com altitude superior a 1800 metros deixaram de ser protegidas e as veredas passarão a ser consideradas Área de Proteção Permanente (APP). As demais áreas, embora continuem sendo formalmente protegidas, podem ser ocupadas por plantações, pastagens ou construções caso tenham sido desmatadas até 2008 e sejam consideradas como "áreas consolidadas".

Importante mudança se dará na questão da Reserva Legal, já que na proposta ficou definido que as propriedades com até quatro módulos fiscais (20 a 440 hectares, dependendo da região do país) não precisam recuperar áreas caso tenham sido desmatadas até a promulgação da lei. As demais propriedades, deverão ser recuperadas com base na área que exceder 4 módulos. Além disso, será permitido compensar a área a milhares de quilômetros, desde que no mesmo bioma ou ser transformada em dinheiro a ser doado a um fundo para regularização de unidades de conservação.

Nos moldes atuais os proprietários que não tenham a Reserva Legal ou APPs preservadas estão sujeitos à multas caso se recusem a recuperar ou quando desmatem ilegalmente. Na nova proposta, os Estados terão cinco anos para criar programas de regularização. Nesse período, ninguém poderá ser multado. Os que aderirem à regularização podem ser dispensados em definitivo do pagamento de multas e da recuperação das áreas ilegalmente desmatadas.

Fábio Fadel & Associados

O líder em análises de solo e folha oferece a mais nova tecnologia em diagnóstico de doenças de plantas.

Agora em modernas instalações

O único laboratório particular que realiza análise:
GREENING | CVC | FITOPLASMA

Tel. 17 3323 9873 • Av. Ítalo Salvador, nº 35
Jardim Silvia • Barretos - SP • e-mail: micellium@micellium.com.br

www.micellium.com.br

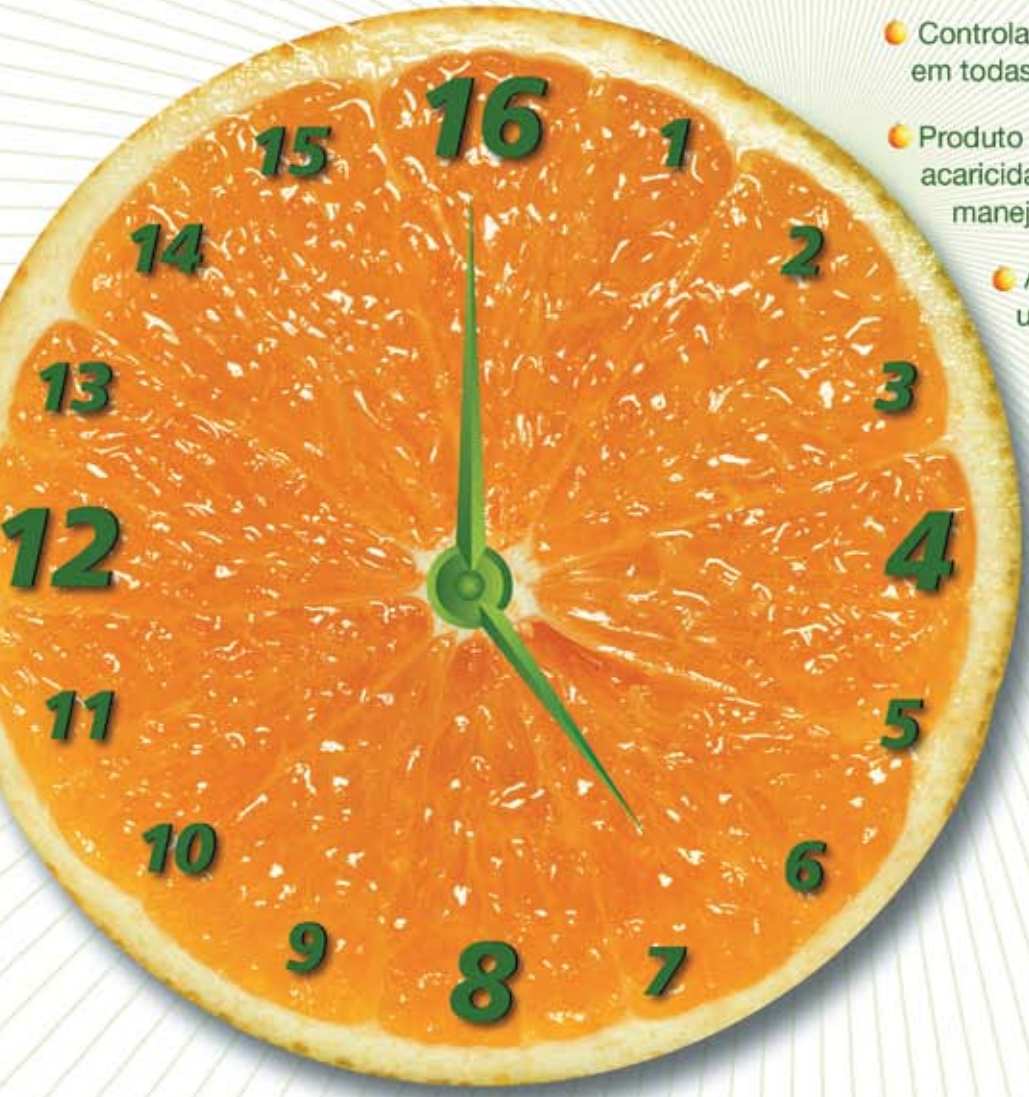
Micellium
Análises Agrícolas e Biomoleculares de Plantas

Sua lavoura protegida por mais tempo.

BAYER

envidor®

- A melhor relação custo / dias de controle comparado aos outros acaricidas do mercado;
- Controla os principais ácaros da citricultura em todas as fases (inclusive ovos);
- Produto ideal para a rotação de acaricidas com excelentes resultados no manejo de resistência;
- Altamente seletivo, podendo ser usado em viveiros de mudas cítricas. Seletivo aos principais inimigos naturais dos citros, sendo assim adequado ao M.I.P.



ANDEF

ATENÇÃO: Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita ou faça-o a quem não souber ler. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. **Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo. Venda sob receituário agronômico.**

Teleb@yer 0800-0115560

Bayer CropScience

Se é Bayer, é bom.

Infectividade de *Diaphorina citri* Kuwayama em pomares cítricos com incidência de *Huanglongbing*

Teste de PCR realizado em Araraquara e Matão (SP) demonstra que existe relação direta entre porcentagem de indivíduos infectivos e a incidência de HLB

A citricultura encontra-se ameaçada por uma grave doença, o *Huanglongbing* (HLB), cujos sintomas estão associados à presença das bactérias gram-negativas *Candidatus Liberibacter* asiaticus e *Ca. L.* americanus. Estas são transmitidas pelo psilídeo asiático *Diaphorina citri* Kuwayama, um pequeno inseto que suga a seiva do floema das plantas cítricas.

O objetivo do trabalho foi verificar se a porcentagem de psilídeos infectados pelas bactérias (infectividade natural) está relacionada com a porcentagem de plantas sintomáticas (incidência da doença). As coletas foram realizadas entre março de 2008 e fevereiro de 2009, em pomares localizados em Araraquara e Matão (SP). A detecção das bactérias foi realizada por meio do teste de PCR.

Os resultados demonstraram que existe uma relação direta entre a porcentagem de indivíduos infectivos e a incidência da doença (*Figura 1*). A incidência média de HLB encontrada nos pomares estudados foi de 25,4%. A bactéria *Ca. L.* asiaticus foi detectada em 114 amostras (30,4%) de psilídeos, e *Ca. L.* americanus em apenas uma amostra (0,11%). Quanto maior a incidência de plantas doentes, maior é a taxa de indivíduos infectivos. Entretanto, em alguns pomares com alta incidência da doença, a taxa de psilídeos infectivos foi baixa, sendo que a situação inversa também foi observada. Isso provavelmente ocorreu devido à grande migração do vetor entre talhões e propriedades, reforçando a tese de que o manejo da doença (controle do vetor e erradicação de plantas sintomáticas) deve ser realizado em conjunto entre os citricultores vizinhos.

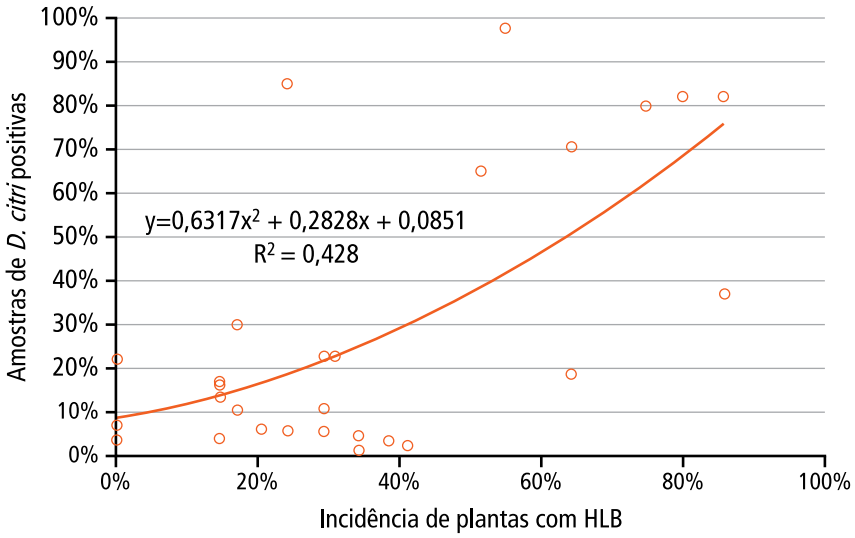


Figura 1. Correlação entre a infectividade natural de *D. citri* por *Ca. L.* asiaticus e a taxa de incidência de plantas com HLB

Eng. Agr. Pedro Takao Yamamoto
Departamento de Entomologia e Acarologia, ESALQ/USP, Piracicaba, SP

Eng. Agr. Gabriel O. Silva Reis
Departamento Científico, Fundecitrus, Araraquara, SP

Eng. Agr. Marcelo P. de Miranda
Departamento Científico, Fundecitrus, Araraquara, SP

15º dia do Consultor em Citros

Programe-se
15º Dia do Consultor em Citros
5 de novembro de 2010
Um evento para a citricultura
Mais informações: diadoconsultor@gconci.com.br

Samarita

sempre um novo potencial.

FLOWABLE

agrothio800

Enxofre líquido de alta performance

O ácaro da falsa ferrugem

BEM LONGE DO SEU POMAR!

INSTRUÇÕES DE USO	Cultura	Pragas	Dose Litros/ha
	CITROS	Ácaro da falsa ferrugem Ácaro branco	5 a 10 L / 2000 L de água
	MAÇÃ	Oídio	
	TRIGO	Oídio	4 a 6 L / ha

SAMARITÁ INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA - Rua João Bombo, 176
Parque Industrial Itamaraty CEP 13.160-000 - Artur Nogueira - SP
Tel: (19) 3827.9100 - Fax: 3877.4833 | quimica@samarita.com.br

www.samarita.com.br

ATENÇÃO - O uso inadequado destes produto pode causar danos à saúde humana, animal e ao meio ambiente. - Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. - Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. - Consulte um Engenheiro Agrônomo.

GCONCI

Consultores do GCONCI ministram pales

Abril

14/04 - O consultor Camilo Lázaro Medina participou do Ciclo de Palestras em Nutrição Mineral de Plantas realizado na ESALQ-USP em Piracicaba (SP), ministrando a palestra 'Fatores limitantes para a produtividade nos cerrados'.

15/04 - Nas dependências do Hotel Carlton Plaza, Limeira (SP), o professor da Unicamp Dr. Jorge Vega proferiu a palestra 'Mecanismo de resistência em citros e o HLB'. Na ocasião, houve escolha do homenageado para o Hall da Fama da Citricultura Brasileira, cujo processo de eleição foi conduzido pelo consultor Gilberto Tozatti. A tarde, houve reunião com a Bayer tendo como pauta a Estrelinha e a atualização para o controle da doença. Em seguida, o consultor Gilberto Tozatti fez apresentação sobre sua participação no *Workshop* de Economia realizado na Flórida (EUA).

16/04 - Os consultores, em reunião com a conveniada BASF discutiram sobre o mercado de citros, indutores de resistência para o HLB, redução de volume de calda e tecnologia de aplicação. Debateram ainda sobre a performance de acaricidas para os ácaros da Leprose e da Ferrugem, do produto Standak Top em mudas cítricas e, sobre o sucesso do produto Cascade. O encontro ocorreu no Hotel Carlton Plaza, em Limeira (SP).

26 a 30/04 - O consultor Camilo Lázaro Medina ministrou aulas sobre fisiologia da nutrição de plantas e fatores determinantes da produtividade, durante o VIII Curso de Manejo de Nutrientes em Cultivo Protegido, realizado pela Conplant e o IAC em Campinas (SP).

Maio

18/05 - Os consultores Amauri T. Peratelli, Camilo L. Medina, Gilberto Tozatti, Maurício Mendes, Reinaldo D. Corte e Oscar A. Simonetti estiveram visitando as dependências do escritório da BASF, em São Paulo (SP), para troca de informações e interações com os diretores da empresa. Maurício Mendes ministrou palestra sobre economia citrícola e Amauri T. Peratelli fez a apresentação institucional do GCONCI.

20/05 - Nas dependências do Hotel Carlton Plaza, Limeira (SP), os consultores deliberaram sobre assuntos diversos, entre eles a inclusão de novos consultores no Grupo. Na Junta Agronômica, sob coordenação do consultor Reinaldo D. Corte, ocorreu a apresentação do técnico agrícola Ewerton Tinelli como contratado para o Departamento Técnico do GCONCI.

21/05 - Em encontro com a empresa parceira Syngenta, os consultores do GCONCI apresentaram os resultados de campo no controle de pragas dos citros e discutiram sobre a estratégia de mercado do produto. O consultor Camilo L. Medina fez apresentação dos resultados dos trabalhos sobre o produto Score. Em seguida, houve encontro com os representantes da empresa parceira Biolchim, onde foram realizadas as avaliações dos ensaios já instalados. O encontro foi realizado no Hotel Carlton Plaza, em Limeira (SP).

Junho

1 e 2/06 - Reinaldo D. Corte participou de palestra e treinamento de canais BASF em Itupeva (SP).

Foto: Reinaldo D. Corte

Consultor Reinaldo D. Corte realizando treinamento de RTV da BASF (Citros) em Itupeva (SP)

1 e 2/06 - Os consultores Amauri T. Peratelli e Ernesto L. Pires de Almeida participaram no Hotel JP, Ribeirão Preto (SP), atendendo ao convite da empresa conveniada Syngenta, onde foi realizado o lançamento da Campanha Citros para a safra 2010/11.

Foto: Camilo L. Medina

Alunos do VIII Curso de Manejo de Nutrientes em Cultivo Protegido

em ação

tras a representantes da cadeia citrícola

7 a 11/06 - Durante a realização da 32ª Semana da Citricultura, o GCONCI participou com o estande na 36º Expocitros.

Foto: Gabriela Gallembeck

Estande do GCONCI na Expocitros/2010

8/06 - O consultor Francisco Pierri Neto proferiu a palestra intitulada: 'Água: use, não abuse', na sessão sobre a questão ambiental na agricultura, durante a realização da 32ª Semana da Citricultura.

Foto: Reinaldo D. Corte

Consultor Francisco Pierri Neto ministrando palestra em Cordeirópolis (SP)

8/06 - O consultor Camilo L. Medina proferiu palestra sobre: 'Manejo da nutrição mineral dos pomares após o aparecimento do HLB' na sessão sobre inovação tecnológica e manejo de pomar.

Foto: Gabriela Gallembeck

Consultor Camilo L. Medina proferindo sua palestra, durante a Semana da Citricultura

10/06 - O consultor Gilberto Tozatti ministrou palestra na sessão de economia citrícola, durante a Semana da Citricultura com o tema 'Futuro do setor de suco de laranja no mundo'.

17/06 - Os consultores Mauro Fagotti e Antonio Celso Sanches estiveram representando o GCONCI na inauguração da nova sede do GTACC, em Bebedouro (SP).

18/06 - O consultor Camilo Lázaro Medina ministrou aula sobre 'Balanço de energia e monitoramento do clima em ambiente protegido' em curso realizado pela Associação Brasileira das Indústrias de Fertilizantes Orgânicos, Organominerais, Foliares, Biofertilizantes, Condicionadores de Solo e Substratos para Plantas – ABISOLO, realizado em Holambra durante a Hortitec.

23 e 24/06 - O consultor Reinaldo D. Corte participou como palestrante no evento ENTECOM – Encontro Técnico Comercial, promovido pela parceira BASF em Poços de Caldas (MG). Os consultores Amauri T. Peratelli e Hamilton F. C. Rocha também participaram do evento.

Foto: Reinaldo D. Corte

Consultor Reinaldo D. Corte ministrando palestra no ENTECOM/BASF em Poços de Caldas, (MG)

24/06 - *Workshop* Futuro da Citricultura Mundial.

Idealizado e organizado pelo GCONCI o *Workshop* Futuro da Citricultura Mundial foi realizado no dia 24 de junho no Hotel Carlton Plaza em Limeira (SP).

A iniciativa trouxe para o setor um formato diferenciado de encontro em que os participantes têm mais oportunidade de discutir em profundidade os temas apresentados, sendo inspirado no *workshop* realizado pe-

Foto: José Eduardo M. Teófilo

Mesa composta para debates dos palestrantes: Maurício Mendes, Gilberto Tozatti, Evaristo M. Neves (moderador), Christian Lohbauer e Margarete Boteon

lo Departamento de Citros da Flórida e pelo Departamento de Alimentos e Recursos Econômicos, do Instituto de Alimentos e Ciências Agrícolas, da Universidade da Flórida, em abril desse ano. No encontro em Lake Alfred, Flórida, economistas, analistas de mercado e principais formadores de opinião da citricultura do Brasil e Flórida, discutiram o delicado momento por que passa a citricultura mundial.

Com o propósito de repercutir os temas apresentados na Flórida, o GCONCI, trouxe quatro dos cinco brasileiros convidados para o evento da Flórida.

A perspectiva de redução da oferta de laranjas nos dois principais eixos de produção, Flórida e São Paulo, a queda contínua do consumo global de suco de laranja, foram alguns dos temas trazidos pelos palestrantes. Além disso, as projeções de produção feitas para as duas regiões produtoras, sob os efeitos do HLB, para os próximos 10 a 20 anos. Discutiu-se ainda, a questão da sustentabilidade do produtor ante o aumento do custo de produção.

O evento foi aberto pela pesquisadora do Cepea, Margarete Boteon, que falou sobre custos de produção de laranjas e viabilidade econômica do citricultor no atual ambiente. Em seguida Gilberto Tozatti, consultor do GCONCI, discorreu sobre os principais temas e conclusões resultantes do *Workshop* da Flórida. À tarde, Christian Lohbauer, presidente da CitrusBR, falou sobre a queda do consumo mundial de suco de laranja. Finalizando o evento, Maurício Mendes trouxe a perspectiva do GCONCI para a citricultura brasileira, com destaque para o aumento do consumo interno de laranjas. O encontro teve como moderador, o Prof. Dr. Evaristo Marzabal Neves da ESALQ/USP.

Entre os participantes, estavam os representantes de todas as grandes indústrias do estado de São Paulo e do Paraná, os consultores do GCONCI, além de vários produtores de laranja e proprietários de *packinghouses*. Os patrocinadores BASF e Syngenta estiveram também representados por profissionais de suas respectivas empresas.

Os debates, entre as palestras, promoveram um aprofundamento dos temas. Além dos assuntos tratados nas apresentações, o necessário *marketing* do suco de laranja, a preocupação com defesa sanitária e também a criação de um contrato que sirva de referência para as negociações entre indústria e produtores, o chamado Consecitrus, foram levantados pelos participantes e discutidos por todos.

Para o próximo ano, os coordenadores do *workshop*, pretendem tornar o encontro ainda mais proveitoso, deixando mais espaço para as discussões.

25/06 - Aconteceu reunião interna do GCONCI para deliberarem os assuntos: alteração de cartório (AGE); adequação do estatuto; viagem ao México, entre outros. A reunião ocorreu no Hotel Carlton Plaza, em Limeira (SP).

FÁBIO FADEL
& ASSOCIADOS

Direito Agrário e Agronegócios
Consultoria Jurídica e Contábil
Direito Tributário, Trabalhista, Cível e Previdenciário
Direito Empresarial - Auditoria - Gestão de Negócios

www.fabiofadel.adv.br

São Paulo Av. São Luis, 86, 20º andar - Tel.: [11] 3257.1155
Araras Av. Washington Luiz, 250, 2º andar - Tel.: [19] 3351.3888

A Spraytec, líder em tecnologia de aplicação no Brasil, lança no mercado:

Fertilizante Foliar

FULLTEC® CITROS

FULLTEC CITROS é um produto completo, reúne múltiplas características que atendem as mais diversas situações dentro da tecnologia de aplicação de produtos agrícolas na Citricultura.

Esta formulação oferece uma série de benefícios, pois, em pequenas doses e com baixo custo, o FULLTEC CITROS proporciona uma absorção adequada e excelente retorno econômico.

O produtor gera

nosso objetivo é ajudar a cultivar.

SPRAYTEC®

Trazendo inovação e solução para o homem do campo.

Rua Pioneiro José Antonio Pires, nº 240 - Jardim Itaipú - Maringá/PR - CEP: 87065-380 Fone: 44-4009.2050/Fax: 44-4009.2051

O paradigma de se controlar o sistema produtivo em propriedades rurais

Não se gerencia o que não se controla, mas fazer controles envolve um trabalho de suporte fundamental para qualquer organização, que ainda está se desenvolvendo

Em 1940, quando Max Weber criou a escola burocrática com ênfase na organização formal e na burocracia racional, ele pensava em criar processos bem definidos e, principalmente, registros que ajudassem os administradores gerenciar seus negócios. Porém, com a evolução das organizações, principalmente no Brasil, o termo "burocracia" acabou se tornando sinônimo de dificuldades processuais, de impedimentos prejudiciais às empresas ou desculpas para não se atender o solicitado.

Hoje, qualquer empresa bem administrada produz uma quantidade satisfatória de dados que são tratados e geram informações que ajudam a gerenciar o negócio. Com base nestas informações conseguimos avaliar nossa empresa, medir e identificar desvios que possam prejudicar a busca por objetivos empresariais e que nos permite definir estratégias básicas.

Propriedades rurais devem ser administradas contando também com o uso destas ferramentas, com informações e parâmetros, mas para isso precisaremos recorrer à burocracia racional para coletar dados e inseri-los em um sistema de informática que nos dê resultados consistentes, que possam retratar o desempenho operacional que estamos alcançando. Na teoria, claro e necessário, mas na prática encontraremos alguns paradigmas a serem quebrados.

Na coleta de dados, onde alguns funcionários ainda são semianalfabetos, anotar todo serviço realizado torna-se complicado, mesmo que em papel, quem dirá então se tentarmos implantar coletores eletrônicos de dados. Para sanar esta deficiência cultural de nossa população ainda vai levar um bom

tempo e torcemos para que realmente o Brasil consiga aumentar o índice cultural de seu povo. Porém, como não podemos deixar nossas propriedades rurais a mercê da evolução de nosso país, precisamos de uma área de suporte muito boa já no acompanhamento das anotações de campo.

Suplantada às dificuldades de coleta de dados somos conduzidos a outra atividade de suporte, o lançamento das informações em sistemas de informática. Para tal, precisaremos de energia elétrica e, acreditem, algumas propriedades ainda são privadas desta *commodity* tão vital nos dias de hoje, de um microcomputador e alguém para operá-lo. Voltamos ao problema inicial de baixo nível cultural, mas os jovens já estão mais acostumados com o microcomputador e esta é uma boa perspectiva.

Como um segundo passo, precisamos encontrar um sistema para receber e tratar estas informações de maneira adequada e encontraremos dificuldades também nesta área, pois a maioria dos sistemas é desenvolvida e testada em laboratórios, normalmente considerando situações ideais, ignorando-se que no campo raramente podemos aplicar as melhores práticas de gestão de informação. Assim, escolher um sistema que entenda a realidade do campo, que seja de fácil operação e possa proporcionar os resultados necessários para medir e acompanhar o desenvolvimento operacional da propriedade também é tarefa que demandará tempo, dinheiro e paciência, recursos cada vez mais escassos nos dias de hoje.

Temos algumas situações em que as informações geradas são tão complexas ou erradas que prejudicam sua análise e levam a decisões equivocadas e, nestes casos, podemos concluir que ter informações distorcidas ou complexas é pior que não possuir nenhuma.

Estas são algumas dificuldades que o produtor rural encontra sempre que tenta implantar um controle adequado e informatizado em suas propriedades e, se já não bastasse, ainda tem que se questionar o que realmente deve fazer com o produto deste complexo processo, isto é, com as informações. Alguns produtores reconhecem o valor das informações de qualidade sobre seus processos produtivos, conseguem compará-los e determinar se a propriedade está realmente caminhando na direção correta e tomar as medidas cabíveis sempre que identifica desvios, evitando prejuízos. Porém, ainda encontramos produtores que não fazem bom uso de tais informações, fato que muitas vezes os levam a abandonar os sistemas e se privar de ferramentas importantíssimas na administração de qualquer sistema produtivo.

Admin. de Empresas
Luciano Piteli
Farm Assistência Técnica
luciano@farmatac.com.br